

APROXIMAÇÕES ENTRE A FALA E A ESCRITA

Denilda Moura

Universidade Federal de Alagoas^(*)

O uso inadequado que se faz da oposição entre língua falada e língua escrita contribui para limitar a língua falada a um domínio muito restrito que é o da língua familiar, até mesmo vulgar, e compará-la a uma língua escrita “correta”. O falado é sempre considerado como o que não se escreve habitualmente, tendo em vista as regras de “bom uso” da escrita. Nesse caso, a língua falada que emerge dessa oposição é sempre uma língua “errada”, cf. Blanche-Benveniste et Jeanjean (1987).

Para essas Autoras, a relação entre “falado” e “errado” é extremamente freqüente e corresponde a uma espécie de mitologia das representações orais e escritas da língua.

É importante assinalar que essa atitude com relação à língua falada está presente de forma muito forte na sala de aula, o que pode ser comprovado através de inúmeros estudos realizados no país, cf. Franchi (1984), Soares (1986), Cagliari (1989), e outros.

Por outro lado, cumpre destacar que os alunos têm demonstrado uma consciência normativa que implica a idéia que eles têm das formas corretas ou aceitáveis de uma língua, sobretudo em se tratando da língua escrita. Sobre essa questão, ver Blanche-Benveniste em **A linguagem domingueira** (1987).

Pode-se verificar, ainda, que uma consciência sociolinguística, fundada em um conjunto de informações de que o falante dispõe sobre o uso da língua, reflete, por sua vez

^(*) Proc. Nº 522363/95-4/CNPq

um conjunto complexo de elementos, em que se misturam traços do domínio cognitivo, do afetivo e do social.

A questão da língua falada em oposição à língua escrita tem suscitado posições e julgamentos de valor, tanto por parte de estudiosos da língua, de gramáticos, de professores, como por parte dos próprios falantes.

Para situarmos as aproximações entre a fala e a escrita, gostaríamos de destacar que a escola tem priorizado a escrita em detrimento da fala. E, na escrita, a questão ortográfica tem desempenhado um papel discriminatório importante, que é inclusive incompatível com o tipo de escola democrática defendida no atual sistema escolar.

Sabemos que a ortografia é uma forma estabelecida dentre as formas variáveis que a língua escrita poderia apresentar aos nossos olhos, é assim a única que conhecemos e reconhecemos. É em todos os casos uma norma à qual nós nos referimos em toda atividade de comunicação escrita, uma norma, cujos protetores são os acadêmicos, os profissionais da escrita, os usuários leitores e escritores, e em maior parte os professores; é necessário acrescentar também o papel dos dicionários de língua, os manuais de gramática, etc., cf. Honvault (1955: 22).

Procurando estabelecer a relação entre sistema de escrita e ortografia, Honvault afirma: “quem diz sistema de escrita diz princípios fundamentais de relação das unidades gráficas a unidades da língua com a qual nós nos exprimimos. Entre o mundo e nós, existe a língua que nos permite exprimir nossa relação com o mundo, com os outros, com o imaginário, etc., e comunicar. O sistema de escrita é então um modo de representação dessa língua e da análise do seu funcionamento. E o aprendiz que entendeu essa representação, ao mesmo tempo simbólica e funcional, já avançou bastante para a abstração que a escrita implica. É de alguma forma a passagem necessária para descobri-la e conhecer o seu funcionamento, idem, p. 44.

Ela afirma, ainda, que a denominação “sistema de escrita” refere-se às escritas, cujas unidades estão em relação com unidades da língua, as unidades fônicas (silabas, consoantes, vogais, etc) ou unidades providas de sentido (as palavras ou os prefixos, radicais, flexões verbais e gramaticais, etc.). Trata-se então de sistema de escrita lingüística, idem, pág. 32.

Por outro lado, “sabe-se que as palavras da língua têm uma forma gráfica e geralmente somente uma, que a utilização dessas palavras em frases obriga a ajustamentos ou concordâncias sintáticas e que os manuais de “ortografia gramatical” detêm as chaves ou mais exatamente as “regras”. Sabe-se também que para ortografar palavras, isoladas ou em frases ou textos, utilizamos as letras do alfabeto, que existem caracteres ortográficos diferentes, que podemos escrever em caracteres de imprensa ou em cursiva, sem modificar a mensagem, enfim sabe-se muitas coisas...”, idem, p. 22.

Sabendo-se de todas essas coisas, resta saber como esse conjunto funciona. Que referências nos permitem a apropriação de uma ortografia que é um instrumento de comunicação gráfica, mas também a face visível e fixa de um certo número de princípios de escrita que a lingüística pôde estabelecer?

Destacando os princípios fundamentais de funcionamento dos sistemas de escrita, Honvault faz referência a dois grandes princípios gerais, que frequentemente se entrecruzam; o princípio fonográfico de correspondência entre unidades da escrita e unidades da fala (ou sons: sílabas, fonemas...) e o princípio semiográfico de relação entre unidades da escrita e unidades da língua, portadoras de sentido (os morfemas, os lexemas ou palavras), idem, pág. 23.

A Autora destaca, ainda, a propósito dos grafemas (as letras), com relação aos dois princípios (o fonográfico e o semiográfico), que estes se misturam – ou se combinam – ao mesmo tempo, na criação ou evolução de um sistema de escrita, pois encontram-se, na maior parte dos sistemas de escrita,

unidades gráficas que se referem às unidades portadoras de sentido ou às unidades fônicas, e certas unidades gráficas preenchendo, ainda, a dupla função.

Para ilustrar esse fenômeno, podemos mostrar que, em português, o grafema *s* pode se referir à correspondência com um fonema, por exemplo na palavra *sino* (por oposição a *tino*), e em posição final de palavra, pode se referir ao signo gráfico de marca de plural, como na palavra *sinos*.

E, nesse sentido, a ortografia torna-se então a fixação de um estado de superfície de um sistema gráfico.

A fim de estabelecer relações entre a fala e a escrita, na perspectiva de identificar e analisar casos de ortografia lexical (a escrita de palavras) e casos de ortografia gramatical (a escrita que representa as variações de gênero e número do nome, a conjugação de verbos e os fenômenos de concordância resultantes, cf. Blanche-Benveniste & Chervel (1969: 174), procuraremos ilustrar essas relações, a partir dos princípios fundamentais de funcionamento do sistema de escrita (o fonográfico e o semiográfico), com dados do português, de crianças das séries iniciais do 1º grau.

Vamos considerar as unidades da escrita e as unidades da fala em dois níveis: o nível da palavra e o nível do enunciado.

A. A nível da palavra, várias aproximações entre a fala e a escrita permitem identificar e analisar as dificuldades com a **ortografia lexical**.

(1) a - anatureza fais pater domudo (A, 2ª série)

b - eu biquei anoti itera (A, 2ª série)

c - era uma veiz ... (E, 1ª série)

Como podemos perceber nesses fragmentos, a questão da segmentação de palavras, que é uma característica da escrita, inexistente na fala. Dessa forma, é possível encontrarmos em textos produzidos por crianças, em fase de aquisição e desenvolvimento da escrita, construções como essas. Além da

dificuldade de segmentação, decorrente da influência da fala na escrita, percebemos, também, na escrita de algumas palavras, uma possível influência da fala ou, ainda, resultado de algumas hipóteses que a criança apresenta para a escrita.

Podemos entender como influência da fala a escrita das palavras: **noti** por **noite**, **fais** por **faz**, **biquei** por **brinquei**, **itera** por **inteira**, **vez** por **vez**. A escrita da palavra **pater** por **parte**, pode significar a hipótese levantada pela criança para a escrita da palavra, pelo fato de ela ter consciência da existência de um **r** na palavra, mas desconhecer a sua posição nessa palavra.

Quanto à escrita de **mudo** por **mundo**, a dificuldade parece ser decorrente da representação na escrita do fenômeno da nasalização. Esse mesmo fenômeno aparece junto a outros no uso escrito das palavras: **biquei** por **brinquei** e **itera** por **inteira**.

B. A nível do enunciado, os fenômenos de concordância, as marcas de plural, e às de feminino em menor escala, permitem identificar e analisar as influências da fala na escrita, quanto ao fenômeno da **ortografia gramatical**.

- (2) a - Um dia as planta ... (J, 3ª série)
- b - Um serto dia João e Antônio chegou ... (N, 3ª série)
- c - (eles) ... foram até que cabaro se perdendo (N, 3ª série)

Nesses fragmentos, podemos observar em (2a), o fenômeno da concordância nominal em **as planta**, em que a marca de plural aparece apenas no determinante, ao invés de termos o estabelecimento da concordância nominal, ou seja, a marca de número nos dois constituintes, como em **as plantas**.

Em (2b), observamos o fenômeno da concordância verbal, com a ausência de concordância entre o sujeito e o verbo - **João e Antônio chegou**, ao invés de **João e Antônio chegaram**.

Em (2c), a influência da fala na escrita parece mais evidente ainda, quando o uso da escrita **cabaro**, apesar de apresentar indicadores de concordância de número e pessoa, com relação ao antecedente **eles** da frase anterior, apresenta dois tipos de problemas: 1°) a perda do **a** inicial da palavra (um caso de aférese); 2°) a eliminação da nasal **am** da 3ª pessoa do plural, e a sua substituição por **o**. Temos, nesse caso, o uso de **cabaro**, ao invés de **acabaram**.¹

Como podemos observar, nesses poucos exemplos, acreditamos que o tratamento das dificuldades de escrita que as crianças apresentam nas séries iniciais do primeiro grau poderão ser minoradas, a partir de uma análise cuidadosa entre a fala e a escrita, comparando-as termo a termo, em suas organizações mais essenciais e mais úteis, cf. Catach (1988: 111).

Concordamos com Catach (1988), quando afirma que é preciso fazer a volta pela fala, enraizar os hábitos da escrita nos hábitos da fala, o que não é perder tempo, isso é motivar a criança, apelar para o que lhe interessa, para o que ela conhece melhor. Por outro lado, é preciso renunciar aos julgamentos de valor, sobre a “perfeição” ou a “aberração” da ortografia.

Acreditamos que uma análise das produções escritas das crianças, a partir de aproximações entre a fala e a escrita, permitirá levar as crianças à reelaboração de seus textos e a uma maior compreensão do sistema de escrita lingüística.

¹ Forma arcaica do português, já registrada no século XV, cf. Marroquim (1996: 55).

Referências Bibliográficas

- BLANCHE-BENVENISTE, Claire. A Escrita da Linguagem Domigueira. In: FERREIRO, E. & PALACIO, M. G. **Os Processos de Leitura e Escrita**. Novas Perspectivas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987: 195-212.
- BLANCHE-BENVENISTE, Claire & CHERVEL, André. **L'Orthographe**. Paris: Maspéro, 1978 (Nouvelle édition augmentée d'une postface).
- BLANCHE- BENVENISTE, Claire et JEANJEAN, Colette. **Le Français Parlé**. Transcription et Edition. Paris: INALF, 1987.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Lingüística**. São Paulo: Scipione, 1989.
- CATACH, Nina (Org) **Pour une Théorie de la Langue Écrite**. Paris: Éditions du CNRS, 1988.
- FRANCHI, Eglê. **E as crianças eram difíceis...** A Redação na Escola. São Paulo: Martins Fontes, 1984.
- . **Pedagogia da Alfabetização**. Da Oralidade à Escrita. São Paulo: Cortez, 1988.
- HONVAULT, Renée. Orthographe et système d'écriture. In: DUCARD, D. et alii. **L'Orthographe en Trois Dimensions**. Paris: Nathan, 1995: 21-92.
- MARROQUIM, Mário. **A Língua do Nordeste**. 3ª Edição. Curitiba: HD Livros Editora, 1996.
- SOARES, Magda. **Linguagem e Escola**. Uma perspectiva social. São Paulo: Ática, 1986.